

7

A Composicionalidade e os Compostos

7.1

O conceito de composicionalidade

A partir da aplicação de critérios formais às seqüências pode-se afirmar que uma seqüência de palavras, com estrutura $NdeN$, é composicional quando, normalmente, cada elemento deve poder ser substituído por uma dezena de outros. A noção de composicionalidade tem a ver com a possibilidade de DEDUZIR o significado de uma seqüência a partir dos significados dos componentes. Deduzir quer dizer calcular por um processo que pode ser formalizado. No caso da composicionalidade das seqüências lingüísticas, trata-se de um processo que pode ser associado a uma construção sintática, e aplicado a exemplos variados.

Quando uma seqüência N de N é composicional, não se trata de um composto. Para que uma seqüência seja composicional deve haver transparência semântica e também produtividade. Pode-se entender transparência como a maior proximidade do cálculo do significado total da expressão por seus componentes, enquanto que a opacidade seria a total impossibilidade desse cálculo, Vale (2001:72). Por exemplo, uma seqüência como *dente de ouro* pode ser descrita a partir de uma construção (**Nobjeto de Nmaterial**), porque esse tipo de construção representa seqüências livres, transparentes do ponto de vista da composicionalidade semântica e de ampla produtividade distribucional e vice-versa. Assim, a seqüência *dente de ouro* não é classificada como composta, porque além da transparência semântica apresenta também um alto teor de produtividade - *dente amálgama*, *dente de porcelana*, *dente de resina*.

Nesse sentido a regra (**Nobjeto de Nmaterial**) dá conta de explicar também seqüências como *dente de vidro*, *dente de barro*, *dente de madeira*, *dente mármore*, *dente de borracha*, etc. São formas potenciais que não causariam nenhum estranhamento, por exemplo, num contexto em que um professor estivesse ensinando a forma dos dentes aos alunos de um curso de odontologia.

A maior parte dos nomes compostos, segundo Baptista (1994:7), são constituídos por seqüências de categorias gramaticais formalmente idênticas às que se observam nos grupos nominais livres. De fato, muitos nomes com a estrutura NdeN podem corresponder a grupos nominais livres e a grupos nominais compostos. Podemos verificar essa diferença, em alguns casos, observando os seguintes critérios:

1) Quando uma seqüência N de N pode ser explicada através da regra **(Nobjeto de Nmaterial)**, ela permite amplas possibilidades de substituição de N2, constituindo uma relação paradigmática, o que confirma a produtividade de N2, caracterizando-se, portanto, como uma seqüência livre.

A exemplo, a seqüência *bolsa de couro* pode ser explicada por essa regra, pois denota uma bolsa que é feita de couro. O que a seqüência expressa é uma relação de **(Nobjeto de Nmaterial)**. Essa regra descreve a regularidade de todas as seqüências livres que expressam essa mesma relação. A partir dessa regra, portanto, podem-se explicar seqüências como *bolsa de plástico*, *bolsa de papel*, *bolsa de pelica*, *casa de tijolo*, *casa de tábuas*, *mesa de madeira*, *mesa de vidro*, *xícara de porcelana*, *bolo de fubá*, *bolo de trigo*, etc.

2) Quando uma seqüência N de N pode ser explicada por meio da regra **(Nobjeto de Nconteúdo)**, ela também permite amplas possibilidades de substituição de N2, constituindo uma relação paradigmática, o que confirma a produtividade de N2. Nesse caso, também, tem-se uma seqüência livre.

A exemplo a seqüência *bolsa de livros* denota uma bolsa que contém livros. O que a seqüência expressa é uma relação de **(Nobjeto de Nconteúdo)**. Essa regra também descreve a regularidade de todas as seqüências livres que expressam essa mesma relação. A partir dessa regra, portanto, podem-se explicar seqüências livres como *bolsa de roupa*, *bolsa de compra*, *bolsa de sapato*, *bolsa de jóias*, etc.

A noção de composicionalidade caracteriza uma seqüência como livre, quando ela é transparente e também produtiva, permitindo a observação de outras seqüências que expressem a mesma relação de sentido.

7.2

O conceito de não-composicionalidade

Quando uma seqüência é composta, o seu significado não pode ser DEDUZIDO do significado dos seus componentes. Por definição, o significado de uma palavra composta é não-composicional Gross (1986:34).

Um exemplo facilmente compreendido por esse conceito pode ser a seqüência *lua-de-mel*, pois o seu significado global não pode ser deduzido do significado dos constituintes; além disso, também não apresenta nenhuma transparência dos elementos que a compõem. Mas, por outro lado, há seqüências como, por exemplo, *cebola de cabeça*, que podem trazer controvérsia, no sentido de serem consideradas composicionais, se não forem observados os seguintes aspectos: o elemento “*cebola*” dá uma parte do sentido da expressão, mas não todo. O sentido do elemento “*cabeça*” não tem nenhuma relação com o resto. Logo, o sentido de “*cebola de cabeça*” não é obtido por combinação dos sentidos dos elementos.

Uma seqüência com transparência total ou parcial só quer dizer que **conhecendo o sentido** da expressão dá para imaginar porque ela tem a forma que tem. Não quer dizer que, **sem conhecer** o sentido da expressão, seria possível deduzi-lo da forma e de conhecimentos prévios sobre a gramática da língua.

O que acontece é que sempre tentamos estabelecer uma ligação do significado do composto com o significado de seus componentes. Provavelmente, isso pode trazer resultados para o falante nativo do português porque este já conhece a língua. Um falante que ouve o nome “*cebola*” pode supor que se trata de uma “*cebola de cabeça*”. Isso implica que o sentido das palavras simples, no caso o sentido de “*cebola*”, tem a ver com a expressão, mas não implica que essa expressão seja composicional.

O critério geral formal para se definir uma seqüência como composta, ou seja, não-composicional é o bloqueio distribucional. O bloqueio ocorre quando

qualquer elemento da sequência não pode ser facilmente substituído por outros de distribuição natural. O bloqueio distribucional para *cebola de cabeça* é o não reconhecimento de outras formas como *cebola (de perna, de braço, de pé, de mão, de dedo)*, etc. Como essas expressões não existem, não há na gramática uma estrutura (**cebola de N**), onde N denota um tipo de Nparte do corpo. **Cebola de N** denota um tipo de cebola que tem uma forma arredondada semelhante à forma de uma cabeça.

Outro aspecto da não-composicionalidade de uma sequência pode ser constatado quando uma sequência denota (**Um tipo de...**) e N2 é classificador ou especificador de N de N. Analisando-se a sequência *bolsa de viagem*, por exemplo, pode-se observar que denota um **tipo de bolsa** usado para uma finalidade/atividade específica. O que a sequência expressa é uma relação que pode ser explicada pela regra (**Bolsa de Natividade**). Essa regra descreve a regularidade de sequências compostas como *bolsa de festa, bolsa de praia*. O que se pode observar nesses casos, é que N2 (*de viagem, de festa, de praia*) representa a finalidade do uso de N1, exercendo uma função especificadora, o que contribui para que haja um bloqueio distribucional para cada sequência. A regra (**Bolsa de Natividade**) não contempla e/ou não explica as formações, *bolsa de show, bolsa de aniversário, bolsa de casamento, bolsa de carnaval, bolsa de natal, bolsa de cinema, bolsa de supermercado, bolsa de escola*, porque não são formas atestadas pelo uso, logo não existem. As sequências *bolsa de viagem, bolsa de festa e bolsa de praia* são, portanto, sequências compostas.

Da mesma forma, pode-se avaliar a sequência *cadeira de roda*, pois denota um **tipo de cadeira**. O que a sequência expressa é uma relação que pode ser explicada pela regra (**Cadeira de Ntipo**). Assim, essa regra também descreve a regularidade de sequências compostas como *cadeira de praia, cadeira de balanço*. O que se pode observar nesses casos é que N2 (*de roda, de praia, de balanço*) representa especificidade do uso de N1, exercendo uma função especificadora, o que contribui para que haja também um bloqueio distribucional para cada sequência. A regra (**Cadeira de Ntipo**) não contempla e/ou não explica as formações *cadeira de pneu, cadeira deslizante, cadeira de rio, cadeira de piscina, cadeira de cachoeira, cadeira de movimento*, porque, do mesmo modo, também não são formas atestadas pelo uso, logo não existem.

Um outro exemplo, a sequência *pano de prato* que denota um **tipo de pano** cuja função é enxugar N, pode ser explicado pela regra (**Pano de N**), porém não existe na gramática uma estrutura (**Pano de N**), onde N denota um tipo de objeto. As sequências *pano de prato*, *pano de chão* e *pano de cozinha* são panos, mas não são composicionais. Se fossem, poder-se-ia se dizer (**pano de mão*, **pano de corpo*, **pano de móvel*, **pano de copo*, **pano de talheres*, **pano de louça*, **pano de parede*, **pano de teto*, **pano de banheiro*, **pano de sala*, **pano de quarto*). Enfim, qualquer tipo de pano em função do objeto que se enxuga. Um *pano de prato* serve também para secar copo, porém não é usual a forma *pano de copo*. O *pano de chão* serve para secar janelas, mas não é usual a forma *pano de janela*. Tem-se então, nesses casos, um bloqueio distribucional. Se existe uma produtividade limitada, esse fato equivale a dizer que as formas *pano de prato*, *pano de chão* e *pano de cozinha* são institucionalizadas, portanto, não-composicionais, ou seja, são compostas.

Todas as formas *bolsa de viagem*, *cadeira de roda*, *pano de prato* e *pano de chão* são formas compostas, porque apresentam uma distribuição restrita, considerados todos os bloqueios distribucionais observados no uso dessas sequências.

Logo, uma noção de composicionalidade semântica que explicaria sequências sem produtividade não tem o menor interesse, porque tal noção de composicionalidade (ou tal explicação) pretenderia “deduzir” o sentido dessas sequências através de um processo diferente para cada uma delas. Se cada uma dessas sequências composicionais está sem produtividade, então o processo de dedução da interpretação a partir da interpretação dos elementos vai ser diferente para cada sequência. Portanto, é mais simples descrever o sentido e as propriedades de cada uma dessas sequências do que descrever o mesmo número de processos de “dedução” específicos.

Outra questão a ser observada em relação às estruturas N de N é que elas podem, também, ser ambíguas. Há sequências que, dependendo do ambiente sintático em que se encontram, podem ser livres ou compostas.

Quando uma sequência denota uma relação de (**Nobjeto de Nconteúdo**), é classificada como uma sequência livre. Observando-se o exemplo:

- Maria trouxe uma *garrafa de café* para o lanche.

Constatamos que a seqüência *garrafa de café* denota uma relação de (Nobjeto de Nconteúdo); trata-se de uma garrafa que contém café. Essa regra pode explicar qualquer outra seqüência livre que expresse essa mesma relação, porque é bastante produtiva e não apresenta bloqueio distribucional. Assim, podem-se inserir nessa regra as seqüências *copo de suco*, *xícara de café*, *xícara de capuccino*, *copo de leite*, *copo de vitamina*, *copo de cerveja*, *prato de omelete*, *prato de sopa etc.*

Quando uma seqüência denota uma relação de **(Nobjeto de Nrecipiente)**, ela é classificada como uma seqüência composta. Observando-se o exemplo:

- Maria trouxe uma *garrafa de café* para pôr o café.

A interpretação da seqüência é representada por um **(Nobjeto de Nrecipiente)** com características específicas de uso, pois ela é própria para se colocar café e mantê-lo quente. Nesse sentido, N2 não pode ser substituído por outros nomes, como demonstra o exemplo a seguir:

- Maria trouxe uma *garrafa *(de cerveja+*de refrigerante)* para pôr café.

Como se pode observar o contexto tira as ambigüidades. A interpretação da seqüência associada aos complementos pode desfazer o duplo sentido.

Há também nomes compostos ambíguos de outra natureza, aqueles em que N1 de N2 não estabelece relação com N1. Por exemplo a seqüência “*rabo de cavalo*”.

- O *rabo de cavalo* é bonito quando está comprido.
- Maria fez um *rabo de cavalo* para ir a festa.

A primeira seqüência denota um “**rabo de N**”. A seqüência é livre, pois a regra pode explicar outras seqüências como *rabo de tatu*, *rabo de cachorro*, *rabo de gato*, *rabo de macaco*, etc.

Já na segunda seqüência, *rabo de cavalo* denota, por metáfora, um **Npenteado**, um cabelo penteado semelhante à forma de um rabo de cavalo. E quando uma pessoa faz esse penteado, o uso do nome *rabo de cavalo* é restrito, porque não existe na língua o uso de outros nomes de penteados com a forma *rabo de cachorro* ou *rabo de jabuti*. Essa restrição torna a seqüência com características de composição.

A ambigüidade de seqüências com estrutura N de N só pode ser desfeita a partir da observação desse tipo de seqüência em contexto. A presença dos complementos indica o sentido da seqüência, como se pode observar nos exemplos abaixo:

- O copo de leite para (beber).
- O copo-de-leite para (decorar).

As restrições de seleção dos verbos são esclarecedoras. Nesse caso, o copo de leite expresso pela regra (**Nobjeto de Nconteúdo**) seleciona o verbo *beber* que só admite uma relação com nomes que apresentam traços semânticos de líquido. E copo-de-leite expresso pela regra **Nobjeto de Ntipo** seleciona o verbo *decorar* que aponta para o uso de *copo-de-leite* como um **tipo de flor**.